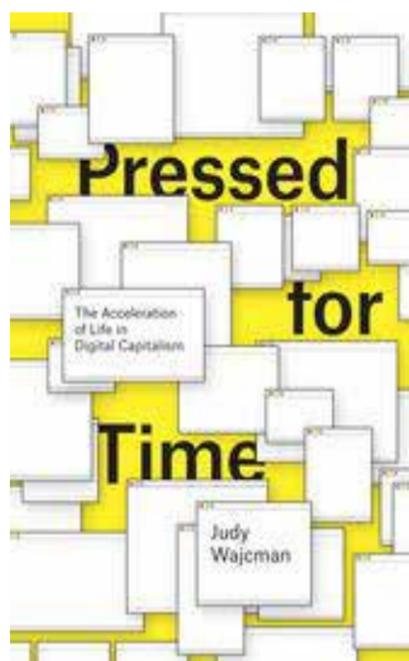


Resenha

VIVER SEM TEMPO: A RELAÇÃO SUBJETIVA ENTRE TEMPO, TECNOLOGIAS E ROTINAS

Por ISSAAF KARHAWI



A reclamação é constante: estamos sem tempo. A vida contemporânea nos sufoca, aniquila nosso tempo livre, cria fluxos em que tudo acontece ao mesmo tempo, aqui e agora. Nosso tempo é escasso e parece que o dia passa em ritmo acelerado. Não raramente, vemos livros best-sellers sugerindo como equilibrar a vida moderna; como conciliar o tempo para o trabalho, família, lazer e até para dormir. Judy Wajcman se dedica a essa sensação de tempo devastado¹ em seu livro *Pressed for time: the acceleration of life in digital capitalism*. Hoje, professora de sociologia na The London School of Economics and Political Science, Judy se interessa pela questão do “tempo” desde seus estudos Marxistas e pesquisas sobre o fordismo e a relação da produção em larga escala com o tempo.

Wajcman não é a primeira autora a tratar do assunto e a perceber o sintoma contemporâneo de escassez de tempo. As discussões acerca das mudanças na temporalidade contemporânea são cruciais nos estudos epistemológicos da Comunicação. Sodré (2007: 19), ao tratar de uma nova episteme comunicacional, já afirmava que

[...] as tecnologias avançadas da comunicação e a velocidade de circulação das informações produzem uma outra temporalidade, que se vem chamando de ‘tempo real’. [...] Modifica-se profundamente a experiência habitual do tempo: virtualmente conectado a todos os outros, cada indivíduo pode ser alcançado sem demora, nem período marcado, por qualquer um. Isto é precisamente o ‘tempo real’, ou seja, a abolição dos prazos, assim como dos tempos mortos [...] pelos dispositivos técnicos integrados em nossa ambiência cotidiana.

¹ Tradução livre da autora para a expressão *time harriedness*.

Sodré menciona a possibilidade de sermos alcançados sem demora, o que reflete a inerência dos dispositivos digitais: eles são usados para que não percamos tempo. Mesmo assim, o questionamento principal de Wajcman em seu livro é: por que nós confiamos nas tecnologias para fazer tudo mais rápido e, mesmo assim, as culpamos por nos sentirmos pressionados pelo tempo? “Se a aceleração tecnológica significa que menos tempo é necessário (para produção, transporte etc), isso implicaria em um aumento no tempo livre que se tornaria abundante. No entanto, o tempo parece ser cada vez mais escasso” (WAJCMAN, 2015: 16)². Esse é o ponto principal da obra de Wajcman, o paradoxo da pressão do tempo (*time-pressure paradox*).

Por conta de uma perspectiva teórica baseada na *Science and Technology Studies* (STS), Wajcman não acredita no determinismo tecnológico, mas sim na neutralidade das tecnologias. O livro não define as tecnologias como fontes de mudanças negativas ou positivas, mas as encara a partir de uma aproximação sócio material. Isso significa que a tecnologia não é um sistema fechado, autônomo e exterior à sociedade, mas, moldada mutuamente pela sociedade com a qual interage. Nas palavras da autora, “[...] a ideia é que o técnico não pode ser reduzido ao social, nem o social reduzido ao técnico. [...] essa perspectiva vê a sociedade e a tecnologia como mutuamente constitutivas/constituídas” (Ibid., p.31-32). Pessoas e coisas (tecnologias) só existem em relação, nos fazeres diários.

É por essa razão que um dos principais pontos levantados por Wajcman é o de *experiência do tempo*. Por se tratar de um estado subjetivo e relacional, a maneira como percebemos o tempo – e, aqui, a aceleração da vida provocada pela digitalização – é variável. A experiência do tempo é análoga à relação que estabelecemos com as tecnologias em nosso dia-a-dia.

Status: ocupado

De onde vem a nossa obsessão em medir o tempo? Alguns sociólogos, cita Wajcman, são categóricos ao afirmar que a obsessão em medir o tempo retoma à “[...] institucionalização da ‘hora do relógio’ no capitalismo” (Wajcman, 2015: 37). Na dinâmica capitalista o tempo é transformado em commodity. Wajcman cita E. P. Thompson para se referir à “[...] tirania dos relógios [como] essencial para a narrativa do mundo

² Todas as citações de Judy Wajcman (2015) são de tradução livre da autora.

acelerado” (Ibid., p.38).

Atrelado a essa ideia também começa a surgir um sentimento de rejeição ao passado, trazido pelos avanços do pensamento moderno. Tudo o que não está em aceleração é deixado de lado, encarado como ultrapassado. Mesmo o ócio – antes uma prática que definia quem era da aristocracia – começa a ser visto com maus-olhos. Uma vida corrida está em oposição ao ócio, a primeira simbolizando sucesso nesse novo sistema social e econômico. “Os habitantes dessa época provavelmente estavam conscientes da mudança no ritmo do trabalho e da vida social; de viver em uma cultura em que a cronometragem, eficiência e pontualidade estavam se tornando normativos” (Ibid., p.43). O primeiro sentimento de ambivalência na relação com o tempo surge aí: paradoxalmente, esse novo mundo traz uma sensação de controle do tempo e da vida. Em oposição a esse sentimento está a insegurança de que o mundo está aceleradamente fora de controle. Como herança desse momento histórico, hoje, uma existência frenética, uma agenda lotada em que trabalho e lazer se perdem em meio a tantas atividades, representa um alto status social. Estar ocupado é uma orientação cultural. “A vida vivida em alta velocidade tornou-se analogia para o progresso” (Ibid., p.58).

Uma questão de gênero

Como posto, a *experiência do tempo é subjetiva*. Questões de gênero e classe social mudam consideravelmente a sensação de atormento pelo passar veloz do tempo. Wajcman, apoiando-se em pesquisas realizadas com base em *time diaries*, afirma que há um descompasso na sensação de escassez de tempo: “tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, não houve um aumento direto no tempo de trabalho nos últimos cinquenta anos. De fato, entre 1965 e 2010, quando quase um terço dos americanos se sentiam apressados, seu tempo-livre tinha, na verdade, aumentado” (2015: 50-51). Como explicar esse fenômeno?

Uma das explicações para essa sensação paradoxal é sustentada pela perspectiva sociológica feminista de Wajcman. É sabido que os últimos anos também correspondem ao período em que a mulheres começaram a entrar no mercado de trabalho. Dessa forma, o número de famílias com renda dupla (proveniente do homem e da mulher) cresceu exponencialmente no mercado de trabalho. Isto posto, a sensação de um mundo acelerado está diretamente ligada à redefini-

ISSAAF KARHAWI é Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e mestre pela mesma instituição (PPGCOM-ECA-USP). Também é pesquisadora do grupo COM+ e bolsista do CNPq.

ção dos “provedores” das famílias contemporâneas. A entrada da mulher no mercado de trabalho e o homem assumindo mais tarefas domésticas têm mudado a percepção do tempo desses casais.

A pressão do tempo é especialmente mais forte em família com dependentes, nas quais marido e esposa estão em trabalhos de período integral. A percepção generalizada de que a vida tem se tornado mais apressada, portanto, tem a ver tanto com um aumento real nos compromissos de trabalho dos membros da família quanto nas mudanças nas horas de trabalho dos indivíduos [remuneradas e não-remuneradas]” (Ibid., p.66).

Wajcman reconhece que há maior participação do homem no trabalho doméstico, aquele não-remunerado. Mesmo assim, “[...] dados de uso do tempo sugerem que pobreza de tempo é uma experiência particularmente difundida entre mães que trabalham e que conciliam trabalho, família e lazer” (Ibid., p.66). Apesar disso, são as famílias com dupla renda, com casais trabalhando em tempo integral, com alta escolaridade e/ou cargos de gerência e assumindo os afazeres domésticos que têm mudado os resultados da percepção de tempo nas pesquisas sociológicas.

Desorganização temporal

Wajcman apoia-se nas pesquisas de Dale Southerton e Mark Tomlinson em que os autores afirmam que a experiência de devastação do tempo é multifacetada; depende de qual aspecto da vida está sendo comprimido. Wajcman constrói algumas teses com base em dois aspectos, que segundo os autores, criam a sensação de time-pressure.

Primeiro, desorganização temporal. Algo importante mudou no mercado de trabalho por conta da digitalização dos dispositivos: as horas de trabalho são flexíveis. Aquilo que o modelo capitalista ofereceu como sendo uma disciplina do tempo – um dia de trabalho sincronizado para todos os trabalhadores – não existe mais. Hoje, as jornadas de trabalho flexíveis, além de outras práticas – como as de freelancers ou prestadores de serviços – são cada vez mais comuns. O resultado é uma sensação de aceleração do tempo, uma vez que a irregularidade das horas de trabalho dificulta atividades simples como chegar em casa na mesma hora em que toda a família. Essa impotência frente às horas de trabalho e a impossibilidade de conciliar tempos tão diversos – o tempo do filho, do chefe, do amigo – gera uma sensação de

tempo comprimido. Nas palavras de Wajcman (2015: 76), “a erosão das rotinas institucionalmente fixadas e a fragmentação das atividades diárias significa que mais negociações, mais decisões e maiores esforços são necessários para realizar as tarefas básicas da vida cotidiana”. Planejar a que horas o almoço deve ficar pronto ou a que horas o *happy hour* com os amigos na sexta-feira vai acontecer deixa de ser um prazer ou uma atividade rotineira e passa a fazer parte da sensação de falta de tempo contemporânea.

Segundo, *densidade temporal*. Esse fator responsável pela sensação de escassez e pressão do tempo se refere aos famigerados termos da contemporaneidade: malabarismo e *multitasking*. A densidade temporal está relacionada à quantidade de coisas alocadas em um mesmo espaço de tempo. Essa tarefa tem a ver com a noção de fronteiras, divisões do tempo, que parecem ter diluído na contemporaneidade.

Nesse mundo de temporalidade fluida, onde o estável e o durável são postos em crise, fica afetada em vários planos a própria periodização da existência. Um deles é o da indistinção entre tempos de atividade: o tempo do trabalho pode ser o mesmo da diversão ou da formação educacional. As etapas ou os momentos antes tidos como especiais diluem-se agora no frenesi de uma presença permanente em rede. [...] o acontecer é ininterrupto (Sodré, 2007: 19).

A diluição das barreiras do tempo, do espaço e das atividades do dia levam a uma sensação de aniquilamento do tempo. Essa noção está muito atrelada ao tempo livre que parece se diluir em meio às demandas do dia-a-dia. Em pesquisa anterior, realizada na Austrália, Wajcman teve acesso a *time diaries* que registravam como o tempo de lazer dos australianos estava sendo usado. O que a pesquisa de Wajcman revelou é que o tempo livre das mulheres, que deveria ser dedicado ao lazer ininterrupto e pessoal, está sempre associado a uma outra atividade, especialmente as atividades domésticas como, por exemplo, passar ferro enquanto se assiste televisão. Outro dado importante também foi revelado: muito do tempo livre dos pais é dedicado a atividades de lazer com os filhos.

Wajcman não contesta o contentamento que os pais sentem a dividir esse tempo com os filhos, mas, mesmo assim, a realização não esconde o fato de que os pais vivem uma escassez de tempo para um lazer adulto. O tempo que os casais passam com as crianças tem alterado a maneira com que a pressão do tempo é sentida. Mesmo que, segundo Wajcman, pesquisas de uso de tempo revelem que pais e mães

têm passado mais tempo com seus filhos, os casais ainda relatam não ter tempo suficiente para estar com a família. A justificativa, segundo a autora, é que temos vivido tempos de um ideal cultural que cobra dos casais que eles sejam “bons pais” e que “[...] dediquem tempo e recursos ilimitados para seus filhos” (Wajcman, 2015: 69).

Como deve ter ficado claro até aqui, a nossa sensação de estar sempre sem tempo não se relaciona diretamente ao volume de tempo ou sua duração cronológica, mas em como a nossa experiência subjetiva do tempo se constrói nas práticas mais simples e cotidianas.

Trabalho fora do trabalho

A vida contemporânea é sinônimo de sobrecarga diária de informação. No ambiente de trabalho, essa sobrecarga está muitas vezes ligada ao excesso de e-mails recebidos diariamente. A caixa de entrada lotada tem sido pivô de relatos ligados ao aumento das jornadas de trabalho, dentro ou fora do escritório. O que tem sido desconsiderado, Wajcman defende, é a quantidade de horas que essas pessoas trabalham e o fato de que outras formas de comunicação também exacerbam sua carga de trabalho. “Em outras palavras, o e-mail não é apenas a fonte, mas também um símbolo cultural de sobrecarga que as pessoas vivem em suas vidas” (Wajcman, 2015: 69). Lemos (2013: 58) explica a partir da teoria ator-rede que

espaço é o que se produz da mediação entre os objetos (podendo ser humanos ou não-humanos). Ele é o movimento da mediação. Espaço é uma associação de coisas e de lugares. O mesmo podemos dizer do tempo. O tempo nada mais é do que aquilo que é produzido pela relação entre as coisas, pela sua dinâmica de constituição.

Usando como exemplo um *smartphone*, o autor afirma que o dispositivo estabiliza, mesmo que de forma provisória, “[...] espaço e tempo diferenciados (de objetos, de projetos, de princípios científicos, de matérias-primas...). Espaço e tempo são consequências das associações” (Lemos, 2013: 59). A perspectiva de Lemos é compartilhada por Wajcman, uma vez que a autora acredita na relação sócio material dos dispositivos e seus usos. Dessa maneira, o e-mail pode ser entendido como a estabilização de um tempo e espaço sociais. Apesar de o e-mail permitir respostas a qualquer momento, uma vez que sua essência é a do tempo dessincronizado (não se trata de uma ligação telefônica que exige co-presença), o dispositivo é

usado para respostas imediatas. Essa apropriação vai contra o prognóstico do dispositivo, mas só corrobora a noção de que “[...] a maneira como as pessoas adotam as tecnologias não está, necessariamente, de acordo com o seu uso pretendido” (Wajcman, 2015: 90). Afirmação que endossa a perspectiva teórica de que tecnologias e sociedade se moldam mutuamente.

E para onde essa digressão nos leva? À sensação de maiores cargas de trabalho por conta do e-mail: se a ideia é usar a caixa de entrada para tarefas que podem ser resolvidas em outro momento, por que respondemos e executamos as demandas que chegam pelo aparato virtual imediatamente? Porque, caso não o façamos, a sensação que fica é a de trabalho inacabado (Wajcman, 2015: 97). Ou seja, “[...] as pessoas geralmente usam tecnologias a fim de alcançar padrões mais altos ao invés de economizar tempo” é uma delas (Ibid., p.146).

Assim, o resultado são mais horas de trabalho ou tarefas que passam a ocupar o tempo dedicado à família ou ao lazer. “O foco no e-mail mascara a causa real da sobrecarga: novas demandas de trabalho que lotam os dias e criam expectativas pouco realistas sobre o tempo de resposta” (Ibid., p.97).

Para encerrar...

O tempo é um prêmio. É assim que Judy Wajcman inicia o seu livro *Pressed for time*. Sabendo disso, para que você não perca seu precioso prêmio com mais linhas desta resenha, precisamos terminar por aqui.

Ao longo de nossa discussão, deve ter ficado claro que “[...] muitas temporalidades coexistem e a experiência humana do tempo não é uniforme” (Ibid., p.105). Essa é a tese principal do livro de Wajcman. A autora pode soar imparcial demais ao longo de suas teorias, mas deixa claro que a relação que temos com as novas tecnologias e o tempo está ligada diretamente as nossas ações diárias e interações com esses dispositivos. A autora vai na direção oposta dos estudos alarmistas sobre a internet ou os smartphones nos roubarem nosso tempo. O ponto de Wajcman é que eficiência e velocidade não são padrões impostos pelas tecnologias, mas resultados da relação com esses dispositivos na vida cotidiana. A tecnologia é sempre neutra, o que ela faz é cristalizar nossas práticas sociais.

Referências

LEMOS, André. *A comunicação das coisas – Teoria ator-rede e cibercultura*. São Paulo: Annablume, 2013.
SODRÉ, Muniz. *Sobre a episteme comunicacional*. MA-

TRIZES, São Paulo, v. 1, n. 1, outubro 2007.

WAJCMAN, Judy. *Pressed for time – The acceleration of life in Digital Capitalism*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2015.

***Recebido em 20 de dezembro de 2015.**

***Aprovado em 26 de janeiro de 2016.**